

O CONTROLE DOS INDIVÍDUOS NA “UTOPIA” DE THOMAS MORE (1516)

Ana Carolina Nascimento ¹, Jhenifer da Rocha Gallo ², Paola Povosian Freitas Calle ³ Silvia Regina Liebel ⁴

¹ Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

² Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

³ Acadêmica do Curso de História Licenciatura – FAED bolsista PIVIC/UDESC

⁴ Orientadora, Departamento de História da FAED/UDESC. – liebel.seiziemiste@gmail.com

Palavras-chave: Utopia. Thomas More. controle de si.

O uso da literatura para difusão de conhecimento e ideais foi uma ferramenta importantíssima para a construção da sociedade europeia, o estopim desta estratégia está localizado justamente no século XVI, momento em que se observa um crescimento vertiginoso do mercado do impresso, quando humanistas como Thomas Morus influenciaram outros escritores a expressar suas ideias através dos livros.

Foram as mais variadas obras literárias que durante o século XVI ajudaram a difundir modelos de civilidade, discursos fervorosos contra a religião e o Estado, os relatos sobre a descoberta de novas terras e novas culturas. Foi a literatura, “popular” ou “erudita”, que ajudou a forjar a sociedade moderna. Daí a importância de analisar as obras literárias da época, pois através delas podemos tomar ciência dos anseios e dos objetivos que permeavam a construção da modernidade.

A obra literária é a representação de um contexto que acaba por influenciar diretamente na visão de mundo do autor, ou seja, é preciso relacionar o discurso imbricado na obra ao lugar social de quem o emite. Entendemos que as utopias carregam em seu corpo literário práticas e discursos que permeavam a sociedade moderna, por isso, as analisaremos não como um reflexo social, mas como uma produção que tem seu lugar no tempo, e está direta ou indiretamente ligada a uma sociedade que permitiu o pensamento e a construção desta.

O presente artigo tem a pretensão de analisar, através do Livro II da obra “Utopia” de Thomas Morus, lançada em 1516 na cidade de Louvain/Bélgica, como uma sociedade supostamente perfeita e igualitária lida com o controle de si, das pulsões, da violência e das boas maneiras, ao mesmo tempo em que rígidas regras são impostas aos seus moradores. Através do viés historiográfico da História cultural nos é permitido analisar como as práticas, representações e organizações sociais são construídas e pensadas através de modelos impostos, de apropriações e principalmente através das interpretações e experiências culturais dos grupos, entendendo as singularidades de cada um por meio da compreensão das estratégias usadas, e também das táticas empregadas a fim de formar um modelo de sociedade, ou um pensamento a ser disseminado. Entender como a construção da ordem e a reformulação dos costumes se fazem

presentes nas obras utópicas é também proporcionar uma nova perspectiva acerca das influências dos processos de controles sociais no imaginário e nas vivências do mundo moderno.

Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa “Utopias modernas: literatura e construção da ordem (1467-1699)” fazendo parte de uma ampla reflexão acerca do pensamento utópico e das representações de mundo do século XVI. O artigo aqui produzido também é parte da construção de trabalho de conclusão de curso da acadêmica Ana Carolina Nascimento.